

A Notícia: um exemplo do fazer jornalístico em São Paulo nos anos 1920¹

Aline Ferreira PÁDUA²

Célio José LOSNAK³

UNESP – Bauru – São Paulo

RESUMO

O presente trabalho busca traçar um perfil do jornalismo praticado no interior paulista nos anos de 1920, usando como objeto o periódico *A Notícia*, da cidade de São José do Rio Preto. Esse jornal apresenta como característica o uso de técnicas do novo jornalismo aliadas à manutenção das estruturas opinativas, podendo ser caracterizado como impresso de transição. Seus conteúdos são marcados pela problematização do real por meio das temáticas citadinas e sociais.

PALAVRAS-CHAVE

Imprensa; jornalismo; história; interior paulista; anos 1920;

O jornalismo do início do século XX

Neste trabalho pretendemos delinear o perfil jornalístico construído pelo jornal *A Notícia* durante a década de 1920, na cidade de São José do Rio Preto, interior de São Paulo. A análise que se propõe compreende as publicações veiculadas pela folha entre novembro de 1924, ano de sua fundação, e dezembro de 1930, totalizando mais de 1.500 edições e abrange fases de dois redatores e diretores⁴. A pesquisa da qual se origina este artigo consistiu na leitura e análise dos conteúdos do jornal buscando traçar seu perfil político e editorial, identificar as concepções de jornalismo por ele praticado e compreender as articulações entre produção impressa, cidade e sociedade.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – IX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 7º período em Comunicação Social – Jornalismo pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Unesp. Bolsista Fapesp de Iniciação Científica, email: aline.ferreira.padua@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Unesp Bauru, email: losnak@faac.unesp.br

⁴ Essa temática é uma das vertentes da pesquisa de iniciação científica sobre História da Imprensa no interior de São Paulo no início do século XX que encontra-se em andamento e sob financiamento da Fapesp.

Para a análise proposta, é preciso que se explicita e fundamente os moldes jornalísticos que antecedem e sucedem a existência do *A Notícia*, bem como as teorias em que se baseiam este estudo. O século XX assistiu ao nascimento de várias disciplinas científicas e foi marcado pela sucessão de modelos epistemológicos. Para Martino (2010), é nesse momento que ocorre o aparecimento de um novo saber especializado (de uma nova disciplina científica) em torno dos processos comunicativos. Segundo o autor, um panorama do desenvolvimento das Ciências Humanas, mesmo superficial, já seria suficiente para nos revelar a notória importância que adquiriram o conjunto dos saberes comunicacionais durante o século XX. Ao tratar desse conjunto de saberes em torno do ato comunicacional, França (2010) aponta para o fato de que a comunicação tem uma existência sensível; é do domínio do real, trata-se de um fato concreto de nosso cotidiano.

É a partir dos anos de 1950 que florescem as teorias acadêmicas da comunicação visando analisar o jornalismo contemporâneo. Souza (2002) e Traquina (2005) discutem as teorias da notícia, apresentando uma bibliografia para fazer um balanço em torno de “porque as notícias são como são” e “porque é que temos umas notícias e não outras”. Tendo como base as teses de diversos autores, tais como Tuchman, Schudson e Colby, Traquina argumenta que os teóricos construcionistas explicam o fabrico noticioso por meio de três abordagens que articulam cultura, sociedade e jornalismo. A primeira abordagem coloca a formação cultural do jornalista, ou seja, seus valores morais e os da comunidade onde está inserido, como fator vinculado à produção noticiosa. As pressões práticas do trabalho, tais como a tirania do tempo, a rede noticiosa e as rotinas, são evidenciadas como fundamentais no processo de produção jornalístico pela segunda abordagem. Na terceira abordagem, o autor refere-se às notícias como resultados de um processo de interação social entre os jornalistas, as fontes de informação e a sociedade.

Por seu turno, Souza estuda as mesmas teorias do jornalismo buscando reuni-las ao elaborar uma grande fórmula explicativa para a construção da notícia, alicerçada sob cinco forças interativas: ação pessoal, ação social, ação ideológica, ação cultural e ação tecnológica, sendo todas elas influenciadas pela força da história.

Baseado em teóricos como White, Schudson, Tuchman, Shoemaker e Reese, Souza defende o papel atuante das forças no processo de produção noticiosa. Ele admite a influência dos valores, experiências e expectativas pessoais dos jornalistas no processo de seleção do material informativo, a ação social que trata da dependência dos meios noticiosos em relação aos canais de rotina, aos *deadlines* (fator tempo), as fontes noticiosas

e à própria estrutura sócio-organizacional dos *media* e sua autoridade sob os jornalistas. Admite também as ações cultural e ideológica porque tratam da influência sociocultural na definição dos “enquadramentos” noticiosos, que seriam representantes de uma cultura e ajudariam a compreender os seus valores e códigos simbólicos.

Em contrapartida à essas teses, o processo comunicativo estabelecido pela imprensa brasileira se caracterizava, até o final do século XIX, pela produção artesanal, apresentando poucas páginas e tiragem reduzida, sendo também marcada pela escassez de recursos técnicos e financeiros, como aponta Sodré (1983). Para Ribeiro (2007), o jornalismo que se desenvolveu na capital do país (Rio de Janeiro), a partir de 1821, era profundamente ideológico, militante e panfletário. Os jornais tinham como objetivo, antes de informar, tomar posição, tendo em vista a mobilização dos leitores para diversas causas. A imprensa, um dos principais instrumentos de luta política, se configurava essencialmente pela opinião. A linguagem era extremamente agressiva, marcada pela paixão dos debates e das polêmicas.

Ainda no final do século XIX, a imprensa passa por um progressivo processo de industrialização e esses jornais de estrutura simples começam a ser substituídos por empresas jornalísticas de estrutura complexa, dotadas de equipamentos sofisticados. A partir da virada do século XIX para o XX, o uso do telégrafo e o recurso de desenhos e ilustrações difundem-se pelas páginas dos jornais cariocas. Novos processos de produção foram gradativamente inseridos e as redações começaram a perder suas características artesanais e a assumir a posição de indústria gráfica.

Ribeiro aponta, por outro lado, uma considerável redução do número de impressos no início do século XX, não só no Rio de Janeiro, como também em outras grandes cidades. Muitos veículos pequenos desapareceram e poucos surgiram no lugar. O jornal como empreendimento individual se torna inviável, devido, sobretudo, à necessidade de capitais cada vez maiores em face aos altos investimentos exigidos pelos novos aperfeiçoamentos técnicos.

Para Sodré, com a passagem da pequena para a grande empresa jornalística, ligada à ascensão burguesa e ao avanço das relações capitalistas, alteram-se as relações do jornal com o anunciante, com a política e com os leitores. O jornal se tornaria uma empresa prestadora de serviço, vendedora de uma mercadoria, a informação.

O jornalismo praticado no Brasil até o advento das transformações e mudanças anteriormente apontadas esteve, segundo autores como Sodré (1983) e Costa (2005),

baseado no modelo francês, privilegiando a análise, o comentário e a política, em detrimento da informação. As técnicas jornalísticas modernas, já difundidas nos EUA, eram pouco ou nada utilizadas. Apenas no início do século XX é que as folhas abriram espaço para a reportagem e para a entrevista, dando maior destaque também ao noticiário, introduzindo matérias policiais, esportivas e ligadas ao mundo feminino e, posteriormente, a fotografia.

Nessas primeiras décadas do XX, as alterações no texto foram lentas. As páginas de material noticioso ainda eram poucas, as colunas permaneciam rígidas, os títulos curtos e pouco criativos. Não havia presença de manchetes e o noticiário era redigido de forma “empolada”. O jornalismo, ainda marcado pela presença de literatos, era inseparável da literatura. Segundo Costa (2005), ainda neste início de século muitos literatos trabalhavam nos jornais alugando suas penas para obter uma fonte de renda. No entanto, a relação entre o jornalismo e os literatos era marcada pela dicotomia entre aspectos positivos e negativos. O literato que escrevia nos jornais era visto como um artista que matava sua arte por dinheiro, subordinando-se as vontades do jornal e aos padrões jornalísticos. Por outro lado, o jornal era o espaço que esses literatos encontravam para se expressar, divulgar suas obras e publicações, popularizando-as e visando o aspecto mercantil.

A partir dos anos 20, com a crescente industrialização por que passava a imprensa, os periódicos começam a exigir reportagens, matérias, entrevistas e as notícias de sensação (BARBOSA, 2007). Sodré destaca a contribuição de João do Rio, na primeira década do século XX, no uso de métodos como o inquérito, a entrevista e a reportagem. O jornalista/escritor foi um dos primeiros a desenvolver na prática um dos conceitos básicos do jornalismo moderno, a coleta de informações na rua, que seria aprimorada nas décadas seguintes.

Para Ribeiro é ilusório falar na consolidação das empresas jornalísticas nesse período devido, sobretudo, à fragilidade desta “aventura industrial”. Segundo a autora, os jornais tinham se transformado em empresas capitalistas, mas ainda serviam aos poderes tradicionais, mantendo-se como folhas essencialmente políticas. Os jornais tinham adotado uma estrutura industrial, mas continuavam atrelados aos interesses da sociedade política, que moldava o conteúdo das suas publicações.

Os posicionamentos políticos e ideológicos passam a exigir, no entanto, um pouco mais de sutileza. O antigo jornal de opinião foi sendo substituído por um jornal mais informativo, que não apresentava vinculação claramente assumida. Muitos veículos já

apelavam, inclusive, às ideias de objetividade e imparcialidade, sobretudo no processo de construção de sua autoimagem. A afirmação de independência política e ideológica aparece aqui como símbolo do processo de legitimação.

A objetividade, neutralidade e imparcialidade – ideais associados ao modelo de jornalismo moderno – já vinham ganhando espaço nas primeiras décadas do século, mas foram os anos de 1950 que marcaram sua consolidação. Esse período é considerado o momento crucial para a afirmação desses ideais e para sua definitiva incorporação ao ideário e ao imaginário jornalístico brasileiro. Foi somente na década de 1950 que as ideias de neutralidade e imparcialidade se formalizaram, com o surgimento de manuais de redação, e passaram a reger e a guiar como regra básica, a prática profissional dos jornalistas. Nesse período a objetividade ganhou forma de técnica e o *lead* passou a ser a forma hegemônica de abertura dos textos informativos.

O aparecimento do jornalismo informativo, na primeira metade do século XX, não levou a aplicação de técnicas como a pirâmide invertida e o *lead*. E, mesmo nos anos 50, a aplicação dessas técnicas não implicou na importação, na sua totalidade, do ideário jornalístico norte-americano. Segundo Ribeiro, mesmo nesse período, os conceitos do jornalismo modernos ainda não apresentavam limites muito claros. O processo de sua incorporação foi marcadamente contraditório, implicando em avanços e recuos. Para a autora, as reformas dos anos 1950, de qualquer maneira, representam um marco na história da imprensa brasileira, que assinala a passagem do jornalismo político-literário para o jornalismo informativo.

No que se refere às relações entre jornalismo, cidade e sociedade, Cruz (2007) afirma que é durante as duas primeiras décadas do século XX, quando a imprensa periódica paulistana experimenta um verdadeiro *boom*, marcado pelo clima de otimismo vivenciado pelo campo jornalístico, que a cidade se intromete na imprensa. A palavra escrita e impressa articula-se às novas linguagens e parece buscar transpor os limites impostos por suas funções de código e linguagem de uma reduzida elite proprietária e letrada. O crescimento da cidade, a diversificação das atividades econômicas, a ampliação do mercado e o desenvolvimento da vida mundana são incorporados às formas e conteúdos das publicações diárias. Através de novas temáticas, personagens e linguagens, o processo social que transforma a cidade passa também a configurar as publicações.

A Notícia: o jornalismo do interior paulista

A folha *A Notícia* (AN) é criada em 30 de novembro de 1924 pelo professor Dario de Jezus e o advogado Nelson da Veiga. O professor Dario permanece à frente do periódico como diretor proprietário durante um ano, retirando-se do jornal em agosto de 1925. Advogado e jornalista, Nelson da Veiga atua como redator durante todo o primeiro ano do jornal e, daí até 1928, como redator proprietário. Em meados de 1928, o jornal é vendido à empresa de Manoel Reis Araújo, que passa a redator principal do AN.

Apesar de se pretender diário nesses primeiros anos de circulação, o *A Notícia* circulava, em média, cinco dias na semana, sendo que não havia uma periodicidade regular. Segundo Do Valle, na obra *Jornais de Rio Preto*, o *A Notícia* revezou sua periodicidade e horários de saída, começando como semanal em 1924 até atingir a publicação quase diária em 1927, sendo matutino durante todo esse período. Já durante a direção de Manoel Reis Araújo, a publicação do jornal torna-se mais intensa sendo registrados meses com mais de 22 edições.

No que diz respeito aos aspectos visuais e gráficos, cada edição do *A Notícia* se apresentava em formato standard e totalizava quatro páginas. As exceções ficavam por conta de datas comemorativas locais ou do aniversário do jornal. A distribuição do material noticioso era feita em sete colunas verticais de dimensão equivalente, sendo que notícias, reportagens e propagandas eram dispostas verticalmente, podendo ainda haver variação na dimensão horizontal quando um mesmo material ocupava, por exemplo, duas colunas inteiras. Na capa, o cabeçalho ocupava todo o espaço horizontal superior da página e trazia além do nome do jornal, informações como o nome do diretor-proprietário e do redator, ano, data e número da edição veiculada, além do slogan “Folha Diária Independente”. A partir da direção de Reis Araújo, o cabeçalho incorpora a indicação do dia da semana.

Na primeira página era disposta quase que a totalidade do material informativo do AN. Nela encontramos com frequência, além de notícias variadas, as colunas *Notas Forenses*, *Ordem do Dia*, *A Sociedade*, *Correio dos Districtos* ou *Correio da Zona e Pela Polícia*. Esse era também o espaço privilegiado para as discussões da vida urbana e cidadina, sendo que materiais noticiosos, informativos e opinativos estavam misturados. A segunda e terceira páginas eram compostas exclusivamente por anúncios e propagandas locais e regionais. Já na quarta página, aparecem pequenas notas sobre a localidade, a coluna *Secção Livre* e a publicação de editais, além das propagandas.

O AN traz como forte característica a separação dos assuntos em colunas, sendo algumas fixas, como as já mencionadas *A Sociedade* e *Secção Livre*, e outras, como *Pela política*, *Pela polícia*, *Notas forenses*, *Notas de arte* e *Ordem do dia*, eram publicadas regularmente, de acordo com a quantidade de informações. A partir de 1926, algumas dessas colunas deixam de ser publicadas. Colunas como *Pela polícia* e *Pela política* aparecem poucas vezes durante 1926 até não serem mais veiculadas em 1927. Outras como *Notas de Arte* e *Notas Forenses* ainda aparecem esporadicamente nas páginas do jornal. A coluna *A Sociedade* é a que mais está presente nas publicações. Ela tratava de aniversários, falecimentos, viagens etc, e abordava assuntos corriqueiros da cidade e região, que compreendia os municípios criados naqueles anos: Mirassol, Monte Aprazível, Ignácio Uchôa, Nova Granada, Potyrendaba e Tanaby. Nota-se ainda, a partir de 1928, mudança na nomenclatura de algumas das colunas do AN. A coluna *A Sociedade*, por exemplo, passa a ser chamada de *A Notícia Social*. Outra, a *Notas Forenses* têm o nome mudado para *Assuntos Forenses*.

Em suas primeiras edições, o *A Notícia* trazia um extenso noticiário internacional e matérias relacionadas à capital paulista e aos grandes centros da época. O quadro “Do paiz e do exterior” era dedicado à discussão dessas temáticas. A partir de dezembro de 1924, o quadro perde espaço dentro do jornal, que passa a valorizar o noticiário regional. A primeira página torna-se o retrato da vida cidadina. Nela aparecem informações sobre política local e regional, economia, serviços públicos, problemas estruturais da cidade, saúde e educação, além do noticiário policial. Tal mudança revela certo esforço do jornal em estabelecer uma relação de maior proximidade com a cidade e seu público.

Assuntos referentes à política ganham destaque, ocupando, em grande parte das edições, espaço privilegiado nas páginas. Sessões da câmara, discussões de leis e relatórios do prefeito, por exemplo, apareciam constantemente no AN e dividiam espaço com as discussões que o jornal trazia sobre a política local.

Questões sobre infraestrutura da cidade e funcionamento dos serviços públicos estavam sempre nas pautas do AN. Havia grande preocupação do jornal com temas como o embelezamento da cidade, construção de ruas e sarjetas, manutenção de pontes e muros, fornecimento de água e energia, cuidados com jardins públicos e cemitério.

Saúde, saneamento básico e educação também são os focos de matérias longas e permeadas por discussões. As criações do Hospital de Rio Preto e do Ginásio Beneditino, por exemplo, ganharam apoio do jornal aparecendo constantemente nas publicações.

A ocorrência dessas temáticas no jornal rio-pretense liga-se ao que coloca Cruz (2000) ao afirmar que o crescimento da cidade e a diversificação das suas dinâmicas, como a ampliação do mercado e o desenvolvimento da vida mundana, são incorporados às formas e conteúdos das publicações diárias.

No que concerne à linguagem, o *A Notícia* se encaixa na definição de Sodré (1983) e Costa (2005) sobre a prática jornalística brasileira na transição entre os séculos XIX e XX. Para os autores, o jornalismo produzido no Brasil ainda estava baseado no modelo francês e privilegiava a análise, o comentário e a política, em detrimento da informação. Também se alia ao jornalismo praticado no Rio de Janeiro durante o século XIX, relatado por Ribeiro, trazendo forte viés ideológico, militante e panfletário. Esses traços estão presentes, por exemplo, na matéria intitulada “Administração Anarchisada”, da edição de 14 de setembro de 1927:

“O povo de Rio Preto, o honesto e trabalhador povo deste município merecia muito mais consideração e respeito por parte do poder municipal. Infelizmente, o golpe traiçoeiro de 15 de Janeiro último, veio entregar a direção executiva do município a um político velho, já muito *experimentado* e já muito *conhecido* e que não podia, graças ao seu *glorioso* passado, proceder de outra forma. É triste dizer-se, mas é verdade: o rico, o opulento, o civilizado município de Rio Preto, está entregue a uma administração incompetente, sem descortino, sem iniciativa e sobretudo sem patriotismo. É inacreditável o que o sr. Major Victor Bastos tem feito em pouco mais de seis meses de... *administração.*” (AN, 14/09/1927, p.01; grifos do original)

O AN ainda se apresentava preso aos costumes da escrita literária. Metáforas, adjetivação, tom poético e escrita difícil e rebuscada são marcas da folha, aparecendo não apenas em textos literários, poemas, prosas, versos ou crônicas, mas também nos conteúdos noticiosos. Para Arantes Neto (2012), a literatura assim como reportagens e opiniões longas eram necessárias para atrair leitores, numa época em que apenas a elite tinha o hábito de ler. Era comum encontrar nos jornais semanais pelo menos uma história escrita em capítulos (folhetim) na década de 1920. A própria época era propícia, uma vez que o rádio surgiria a partir dos meados dos anos de 1930 e apenas na década seguinte ele faria parte, de vez, da vida e dos costumes das famílias. A literatura era o entretenimento noturno e de final de semana e ela podia ser encontrada nas páginas dos jornais. Segundo ele, as notícias

geralmente eram curtas, cedendo bons espaços para poesia, opiniões, contos, crônicas e recadinhos sociais.

A mistura entre literatura e jornalismo, evidenciada nos trabalhos de Costa (2005), é também observada na imprensa rio-pretense através do *A Notícia*. O caráter literário funde-se aqui com algumas das técnicas do novo jornalismo. Podemos observar a concomitância de textos literários como os de Berílio Neves e de Bibi e Lalau com textos puramente noticiosos como os utilizados na coluna *Pela Polícia*. Como exemplo da literatura que ainda rondava as páginas do jornal, apontamos o seguinte trecho do texto “Conceito e Preconceitos”, assinado por Berílio Neves em 12 de janeiro de 1927: “A esperança é a embriaguez dos ingênuos a mentira dourada da inteligência. Para o homem sensato, o futuro é uma página em branco, e o passado um página que se rasgou: só o presente existe.” Já da coluna *Pela Polícia* de 18 de agosto, extraímos o seguinte texto noticioso:

“A pedido do sr. Dr. Delegado Regional levamos ao conhecimento do publico que amanhã e depois o transito de automóveis por motivo dos jogos de futebol soffrerá a seguinte modificação: os automóveis subirão pela rua Bernadino de Campos e descerão pela rua General Glycerio” .
(AN, 18/08/1927, p.01)

Entrevistas, manchetes, linhas finas e até mesmo, de forma bem rudimentar, leads aparecem nas linhas do AN. Na matéria “Tejo Grande” de três de janeiro de 1925, podemos observar a presença da linha fina “Importantes festas de Natal” e do texto em lead⁵: “Nos dias 27 e 28 do mez de dezembro passado realizaram-se com grande animação as festas de Natal, no prospero arraial do Tejo Grande, no districto de Nova Granada”. Esse trecho revela ainda a mistura entre os elementos de modernização da produção noticiosa com o caráter opinativo. As expressões “com grande animação” e “prospero arraial” ligam-se à opinião do redator enquanto o emprego de referências temporais e espaciais representa o novo jornalismo. Já a partir de meados de 1928, nota-se forte tendência do redator em estabelecer limites entre as notícias e os comentários. Assim, o jornal opta por abrir uma pequena caixa sem título próxima à matéria principal e nela tece algumas considerações

⁵ O lead (lide) é o primeiro parágrafo da notícia em jornalismo impresso. Corresponde à primeira proposição de uma notícia radiofônica, ao texto lido pelo apresentador ou à deixa do apresentador ou a “cabeça” do repórter no início de uma notícia em televisão. Quanto ao conteúdo, o lead é o relato do fato principal de uma matéria, o que é mais importante ou interessante. Na síntese acadêmica de Harold Lasswell, o lead informa quem fez o que, a quem, quando, onde, porque e para quê. (In Estrutura da Notícia – Nilson Lage)

sobre o assunto tratado. Esse fator não excluí, no entanto, a mistura entre os dois gêneros narrativos, presente, sobretudo, nos assuntos políticos.

O jornal fala sobre o jornalismo

O *A Notícia* serviu também como espaço de debate sobre o próprio fazer jornalístico e seu papel na sociedade. A princípio pode-se observar que o jornal atribui a si a função de formador de opinião e agente social. O AN buscava colocar-se como agente social, além dos temas políticos, e afirmava acreditar ser essa uma das principais funções de um órgão de imprensa comprometido. Campanhas como o Natal dos pobres e Natal das telefonistas foram abraçadas pelo jornal que dedicou amplo espaço de suas publicações para discutir a caridade e a benevolência e pedir a contribuição do povo rio-pretense. A campanha para o Natal dos Pobres é lançada pelo jornal na edição de 17 de dezembro de 1924, no artigo intitulado “Natal dos Pobres”. Aqui os redatores expõem os significados e a importância do Natal para os homens cristãos e convidam o povo da cidade a fazer doações para o Natal dos pobres e menos favorecidos.

“A Notícia querendo munir-se dos sentimentos humanitários dos seus responsáveis e cumprir a sua missão de concorrer para o bem-estar e amparo especialmente das classes menos favorecidas, vem dar os seus fracos préstimos mas sua sincera contribuição, para levar-se a efeito em Rio Preto esse anno o Natal dos Pobres”. (AN, 17/12/924, p.01)

Nos anos de 1926 e 1927 o espaço dedicado às campanhas natalícias é reduzido. O jornal deixa de se lançar a frente dessas causas sociais e passa à veicular, apenas, as ações e festividades de natal realizadas pela igreja matriz.

Outra contribuição considerada importante do *A Notícia* para abraçar a causa social se refere a criação do Hospital de Rio Preto Na matéria denominada *Santa Casa*, publicada na edição de sete de dezembro de 1924 com continuação em 12 de dezembro de 1924, ao abordar a questão da construção da Santa Casa de São José do Rio Preto, que há tempos vinha enfrentando problemas, não tendo previsão de término e inauguração. O jornal expressa sua opinião afirmando ser urgente a instalação de uma casa de saúde na cidade, mesmo que em proporções menores e mais modestas, e clama, então, às boas almas da cidade que se apeguem a causa e contribuam para a construção de um posto médico.

A sequência de matérias publicadas pelo AN surtiu efeito e em apenas um mês foi criado o Hospital de Rio Preto, graças a ação de Feliciano Salles Cunha e as doações da Loja Kosmos. O hospital foi instalado em acomodações simples em um prédio cedido pela Loja Kosmos e era administrado por uma comissão de voluntários. O apoio à questão dos leprosos também ganhou destaque com a campanha “Em prol dos filhos dos lazáros”.

Esses exemplos indicam haver estreita relação entre leitores e o jornal. Em alguma medida, o *A Notícia* interage com moradores da cidade, busca representar e mediar ideias, propostas, projetos e ações dando visibilidades para o veículo e para as práticas sociais correntes. Nessa perspectiva, o jornal não se apresenta somente como o produtor de um material impresso, mas um viabilizador de demandas do trato à pobreza e integrador de alguns setores da sociedade local.

Para Arantes Neto, havia entre os jornais de Rio Preto na época um esforço para ganhar a simpatia do leitor. Os jornais faziam campanhas de chamamento à população para resolver problemas, organizar eventos, etc. O memorialista lembra que nos anos 1940, Leonardo Gomes, diretor do *A Notícia*, liderou, pelas páginas do jornal, quatro grandes eventos ligados a efemérides pontuais: as comemorações do cinquentenário da emancipação política em 1944; as comemorações do centenário de fundação da cidade em 1952, a revolta da elite rio-pretense com a pretensa alteração do nome da cidade de Rio Preto para Iboruna em 1944, e a campanha na Revolução Constitucionalista de 1932. Os demais jornais locais também patrocinaram outras campanhas, como *A Folha*, em 1936, cobrando dos governos estadual e municipal uma solução para o abastecimento de água na cidade.

Em um segundo momento, encontramos no jornal artigos e crônicas sobre o trabalho do jornalista dentro da redação. A coluna “De quando em vez” assinada por Nazário Junior em 28 de setembro de 1928 narra a dificuldade dos redatores do interior em colocar o jornal em circulação todos os dias, tendo para isso, muitas vezes, que encher linguiça e procurar fatos passados para comentar.

Em janeiro de 1929, o jornal publica o texto “O jornalismo moderno” de Gama Rosa, que afirma trata sobre a influência do jornalismo na construção da história e onde se afirma que o jornal não substituirá o livro. No mês de março, encontramos novamente a figura de Nazário Junior comentando o fazer jornalístico. Dessa vez o autor assina a crônica “O jornalista” que narra o dia a dia do profissional da imprensa.

“De todas as funções que um homem pode exercer, a do jornalismo, é sem duvida alguma, a mais preocupavel, é a que mais tempo consome e a que

menos rendimento dá. O jornalista sahe de casa pela manhã, vae ao correio, retira os jornaes, procura ávido as novidades sensacionais para os commentarios da tarde – Depara logo com um assumpto importante e de interesse coletivo. Architecta imediatamente um porção de phrases para o comentário, lembra de uma coisa e se lembra de outra que condiga com o assumpto a comentar. (AN, 17/03/1929, p.01)

Por ocasião do quinto aniversário de criação do *A Notícia*, em 30 de novembro de 1929 publica-se outro texto sobre o trabalho dos jornalistas. Sob o título “Um lustro – sobre o fazer jornalístico”, Mario F. de Azevedo afirma que só os que sabem o que é o labutar incessante da imprensa diária podem calcular o motivo de júbilo para os obreiros formidáveis, que são os jornalistas, quando festejam mais um ano de seu jornal.

“Quem com duzentos reis compra uma folha diária e a lê em dez minutos, calmamente, não pode calcular mesmo o que ela custou para ser impressa. Quantas preocupações quantos sobressaltos, quantas duvidas, quantas desilusões?! O jornal moderno, com a vertigem do progresso exige muito mais esforço, muito mais cuidado”. (AN, 30/11/1929, p.01)

Também em dezembro, encontramos algumas linhas sobre a prática do jornalismo assinadas por Rocha Camargo. O autor afirma que nem sempre é exercido com dignidade pela grande maioria dos que constituem a classe e lembra que um jornal bem dirigido sob todos os aspectos reflete sua benéfica atuação sobre as massas. Ele lamenta o papel dos jornais dos grandes centros a que chama de vendidos aos subornos.

Já em janeiro de 1930, Couto Magalhães assina o texto “Os ‘amigos’ do jornal” onde trata sobre os oportunistas amigos que fazem ponto diário no jornal para debater política e que não pagam sequer a assinatura.

Essa preocupação do jornal em problematizar a prática jornalística por meio da publicação de artigos e crônicas sobre os jornalistas e sua escrita revela dilemas em torno de sua identidade, visões da sua importância para a sociedade, dá pistas das dificuldades do trabalho e estratégias utilizadas para produzir o impresso e para buscar representatividades dentre os leitores. Questões também presentes na imprensa dos grandes centros, que mudam de contexto, mas são mantidas no âmbito da profissão décadas depois.

Considerações Finais

O perfil de imprensa paulista interiorana do início do século XX, representada neste trabalho pelo *A Notícia*, é esboçado como integrante de um jornalismo de transição em relação às opções gráficas, linguagens utilizadas e posicionamento editorial, sendo ainda folha engajada socialmente.

A leitura sistematizada do jornal permitiu identificar, de um lado, traços de uma escrita ainda ligada à tradição literária, com metáforas e frases intercaladas, e ao engajamento político, sendo comum a voz e opinião de seus redatores nos debates ligados ao governo local, tendo a folha atuado tanto na situação quanto na oposição, de outro, a utilização dos novos recursos jornalísticos e das agências de notícias, aparecendo aqui a tendência do *lead* e a tentativa de desvincular opinião e informação. Pode-se notar a preocupação do jornal em discutir e problematizar o próprio trabalho, esclarecer ao leitor sobre as dificuldades de produção do impresso e da importância deles para a sociedade.

Ainda, as discussões levantadas pelo AN nas questões urbanas e sociais, revelam como esses jornalistas estavam articulados e, até mesmo inseridos, na realidade da cidade onde era produzido o jornal e na sociedade regional onde o mesmo circulava.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, M. **História Cultural da Imprensa**. Brasil - 1900-200. Rio de Janeiro, Mauad. 2007.

COSTA, C. **Pena de Aluguel**. Escritores jornalistas no Brasil 1904-2004. São Paulo: Editora Cia das Letras, 2005.

CRUZ, H. F. **São Paulo em papel e tinta**: periodismo e vida urbana – 1890-1915. São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial SP, 2000.

FRANÇA, V.V. O objeto da comunicação/ A comunicação como objeto. In: **Teorias da Comunicação: Conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010.

MARTINO, L. C. Interdisciplinaridade e objeto de estudo da comunicação. In: **Teorias da Comunicação: Conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010.

RIBEIRO, A. P. G. **Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 1950**. Rio de Janeiro: e-papers, 2007.

SODRÉ, N. W. **A História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1983.

SOUZA, J. P. **Teorias da Notícia e do Jornalismo**. Chapecó: Editora Argos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2002.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**, porque as notícias são como são. V.1. Florianópolis: Insular, 2005.

Fontes orais

Neto, A. Arantes. Entrevista via *email* realizada em 29 de outubro de 2012.